

“AS FLORES DE NOVIDADE”: FIGURAÇÕES DA EXILIÊNCIA EM MIA COUTO

“FLOWERS OF NOVELTY”: EXILIENCE FIGURATIONS IN MIA COUTO

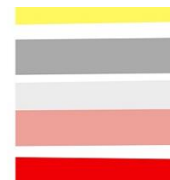
Camila Cantanhede Vieira
Universidade Federal do Maranhão
cantamila@gmail.com

Profa. Dra. Márcia Manir Miguel Feitosa
Universidade Federal do Maranhão
marciamanir@hotmail.com

Resumo: A convergência da Geografia com a Literatura possibilita o vislumbre de uma nova perspectiva de compreensão do espaço como elemento fundamental das narrativas literárias, nas quais é expressa a própria essência geográfica do ser-no-mundo (DARDEL, 2011). Para Marandola Jr (2010, p.07), “o drama humano, a história de uma cidade, os detalhes de um conflito não se limitam à trama de significados e sentidos que estão encetados em si próprio. Sua força reside no que aquelas narrativas específicas carregam no sentido universal de seus temas, conflitos e entendimentos”. Desse modo, o presente estudo tem como objetivo principal a análise do conto “As flores de Novidade”, do escritor Mia Couto, e que está contido no livro *Estórias Abensonhadas* (1994), de modo a observar o fenômeno da exiliência na forma como este é vivido, ou seja, a partir do modo como aparece na experiência. “As flores de Novidade” é um conto que trata do impacto da guerra na vida de pequenas comunidades, tanto pelo terror e mortes que acarreta quanto pela imposição do deslocamento. Em menor escala, este conto é sobre a desintegração da família, e em maior, da sociedade, este espaço periférico em crise. Na escrita de Mia Couto é possível verificar a articulação dos diversos modos com os quais as personagens se relacionam e percebem o espaço. Além de articular categorias da Geografia Humanista Cultural e de seus principais autores, como Eric Dardel e Marandola Jr, é intenção desse trabalho pensar o modo como este fenômeno da exiliência aparece na experiência das personagens do texto literário a partir de autores como Nouss (2016), Ilie (1980), Volpe (2005) e Said (2003).

Palavras-chave: Espaço; Lugar; Exiliência; Mia Couto.

Abstract: The convergence of geography with Literature enables a new perspective of understanding space as a fundamental element of literary narratives, in which the geographical essence of being-in-the-world is expressed (DARDEL, 2011). For Marandola Jr (2010, p.07), “the human drama, the history of a city, the details of a conflict are not limited to the plot of meanings and meanings that are engaged in itself. Their strength lies in what those specific narratives carry in the universal sense of their themes, conflicts, and understandings”. Thus, the present study has as its main objective the analysis of the short story *Flowers of Novelty*, by the writer Mia Couto, which is contained in the book *Estórias Abensonhadas* (1994), in order to observe the phenomenon of exilience in the way it is lived, that is, from the way it appears in the experience. *Novelty Flowers* is a tale that deals with the impact of war on the lives of small communities, both by the terror and death it entails and by the imposition of displacement. To a lesser extent, this tale is about the disintegration of the family, and more of society, this peripheral space in crisis. In the writing of Mia Couto it is possible to verify the



articulation of the various ways with which the characters relate and perceive the space. In addition to articulate some categories of Cultural Humanist Geography and its main authors, such as Éric Dardel and Marandola Jr, this paper intends to think about how this phenomenon of exilience appears in the experience of the characters of the literary text from authors such as Nouss (2016), Ilie (1980), Volpe (2005) and Said (2003).

Keywords: Space; Place; Exilience; Mia Couto.

1 Introdução

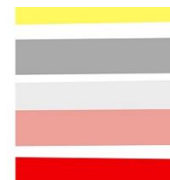
*Encheram a terra de fronteiras,
Carregaram o céu de bandeiras
Mas só há duas nações:
A dos vivos e a dos mortos
Mia Couto*

Embora seja um fenômeno multicausal e presente em toda a história da humanidade, a dimensão propriamente geográfica dos processos migratórios, de acordo com Eduardo Marandola (2010), só tem sido abordada muito recentemente, e não necessariamente numa perspectiva existencial.

Coutinho (2018) reitera que, “desde a Antiguidade que as migrações (voluntárias ou mais ou menos forçadas) sejam do campo para a cidade seja entre cidades-estado ou entre territórios” representam sempre o “efeito mais directo, ou visível, das catástrofes naturais e das guerras” (COUTINHO, 2018, p. 182-183).

Assim, a convergência da Geografia com a Literatura possibilita o vislumbre de uma nova perspectiva de compreensão do espaço como elemento fundamental das narrativas literárias, nas quais é expressa a própria essência geográfica do ser-no-mundo (DARDEL, 2011). Para Marandola Jr (2010, p.07), “o drama humano, a história de uma cidade, os detalhes de um conflito não se limitam à trama de significados e sentidos que estão encetados em si próprio. Sua força reside no que aquelas narrativas específicas carregam no sentido universal de seus temas, conflitos e entendimentos”.

Fonseca (2008, p. 83-84) afirma que o autor moçambicano Mia Couto parte de fatos históricos para neles “inserir vozes que a história reprimiu... reler acontecimentos reinventando seu contexto, envolvendo-os com uma aura de fantasia”. Essa é uma das características que marcam sua escrita e, conseqüentemente, seu projeto literário. Ao alegorizar as temáticas de guerra, por exemplo, o autor ficcionaliza a condição humana do



homem contemporâneo, propondo um diálogo do “presente com o passado, o mito com a realidade, as metáforas com a complexidade final do conjunto” (FONSECA, 2008, p. 84).

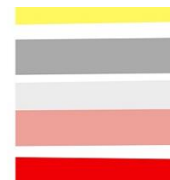
Assim, o presente estudo tem como objetivo principal a análise do conto “As flores de Novidade”, do escritor Mia Couto, e que está contido no livro *Estórias Abensonhadas* (1994), de modo a observar o fenômeno da exiliência na forma como este é vivido, ou seja, a partir do modo como aparece na experiência.

Estórias Abensonhadas é um livro de contos que apresenta ao leitor o imaginário moçambicano a partir de histórias sobre o país africano, envolvendo a crueza da guerra, os seus estragos, as suas feridas, e sobre a “fratura incurável entre o ser humano e um lugar natal, entre o eu e seu verdadeiro lar [...]” (SAID, 2003, p. 46), decorrente do afastamento, forçado ou não, de sua terra natal.

Desse modo, este artigo se propõe a empreender um estudo interdisciplinar, no sentido de investigar a experiência do exílio a partir da observação de uma “geograficidade” (DARDEL, 2011). Nessa perspectiva, a Terra torna-se o meio pelo qual a realidade geográfica — vivências, experiências e percepções de mundo do sujeito — é materialmente possível. Além disso, é intenção desse estudo analisar como são representadas as figurações da exiliência (NOUSS, 2016) na literatura africana de língua portuguesa, a partir da análise do conto “As flores de Novidade” (1994) sob a perspectiva da experiência.

Nesse sentido, o estudo proposto tem a intenção de estabelecer relações pertinentes entre a Literatura e a Geografia Humanista Cultural, sendo, portanto, de caráter interdisciplinar, a partir da perspectiva literária com enfoque na análise da paisagem do conto em questão. O referencial teórico será focado em obras que considerem algumas categorias centrais da Geografia Humanista Cultural e de seus principais autores, como Eric Dardel e Marandola Jr, além de teóricos que pensam o fenômeno da exiliência como constituinte da experiência das personagens do texto literário a partir de autores como Alexis Nouss (2016), Ilie (1980), Miriam Volpe (2005) e Edward Said (2003).

2 A escrita de Mia Couto



Mia Couto é um escritor moçambicano, cuja escrita literária tem continuamente figurado como objeto de estudo na contemporaneidade, tendo sido contemplado com vários prêmios importantes na seara literária de língua portuguesa.

Moçambique é um país, assim como outros países africanos, parte de sua história pautada na égide do colonialismo português e de seus consequentes efeitos ao longo do tempo. O processo de descolonização desse país não foi (e nem tem sido) pacífico, sendo a nação um espaço de guerra, cuja luta armada tem sido uma ferramenta nesse sentido.

A escrita de Mia Couto, em *Estórias Abensonhadas*, principalmente em “As flores de Novidade”, entrelaçam experiências ensejadas pela conjuntura árida da guerra civil moçambicana, de modo alegórico. É assim que Mia Couto nos apresenta a Moçambique com “Estas estórias [que] foram escritas depois da guerra”, engajando-se politicamente em forma de literatura, inspirando reflexões a partir do texto poético, metaforizando, simbolizando o mundo, onde ocorrem as vivências desse sujeito africano.

No ano de 1994, é publicado o livro *Estórias Abensonhadas*, em um contexto de reconstrução da nação moçambicana. O cenário ainda é o da devassidão da guerra:

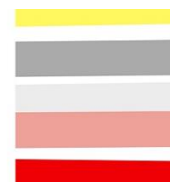
Por incontáveis anos as armas tinham vertido luto no chão de Moçambique. Estes textos me surgiram entre as margens da mágoa e da esperança. Depois da guerra, pensava eu, restavam apenas cinzas, destroços sem íntimo. Tudo pesando, definitivo e sem reparo. Hoje sei que não é verdade. Onde restou o homem sobreviveu semente.

Entre inéditos e já publicados, neste livro estão reunidas 26 estórias. Os contos arrolam temáticas que tratam da articulação do sujeito moçambicano para fora da brutalidade da época colonial, na tentativa de reconstruir essa intimidade “fraturada”, dando a esse complexo tema um olhar mais poético.

Dentre outras perspectivas, as artes, em geral, assim como as literaturas produzidas em contextos que, recentemente, saíram da situação de colônia e passaram a usufruir do status de independentes, como é o caso de Moçambique, viabilizam a observação de como o pós-colonialismo passa a constituir não só um tema recorrente, como também, em alguns países, um estilo adotado por muitos artistas e escritores.

Mia Couto utiliza a arte para a desconstrução desses sentidos opressivos, corroborando a construção de novas significações pela literatura.

3 Exiliência na Literatura



A noção de “lugar” tem sido objeto de discussão de várias ciências ao longo do tempo. Desde os anos de 1920, uma nova visada epistemológica veio se desenhando quanto à Geografia. A compreensão a respeito do “lugar” não pode mais estar desvinculada do Homem que nele habita, em um entendimento que agora considera a subjetividade relativa à percepção de cada indivíduo e em como isso se reflete na relação do Homem com a Terra.

Esse afastamento da Geografia positivista dá à Geografia uma vertente humanista, permitindo seu entrelaçamento com a Literatura, conforme coloca o geógrafo chinês Yi-Fu Tuan:

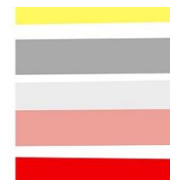
O pensamento metafórico ignora os limites bem delimitados da classificação científica. Como termos científicos, “montanha” e “vale” são tipos de uma categoria geográfica. No pensamento metafórico, estas palavras carregam simultaneamente, valores de “alto” e “baixo”, os quais, por sua vez, implicam a polaridade de masculino-feminino e características temperamentais antitéticas (TUAN, 2013 p. 199).

Yi-Fu Tuan (2013), a partir da leitura de Gaston Bachelard, incorporou o termo “topofilia” aos seus estudos geográficos. O entrelaçamento da Geografia com a Literatura possibilitaria a compreensão do espaço sob uma nova perspectiva a partir do texto literário, nos quais é expressa a própria essência geográfica do ser-no-mundo (DARDEL, 2011).

O fenômeno do exílio tem sido um tema recorrente no panorama da sociedade atual. É consenso entre vários autores que se trata de um fenômeno massivo inédito na América Latina, provocado pelas ditaduras do século passado, e que apresenta seus efeitos não só sobre os indivíduos, mas sobre as identidades nacionais e a cultura de um lugar.

Edward Said, no livro *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios* (2003), sustenta que parte da cultura moderna do Ocidente seria resultado das experiências de sujeitos exilados, emigrantes e refugiados, na compreensão de que “as realizações do exílio são permanentemente minadas pela perda de algo deixado para trás para sempre” (SAID, 2003, p. 46).

Para Alexis Nouss (2016, p.53), a condição de exiliência está relacionada à “consciência de não pertencimento, isto é, de ‘estar fora’ ou ‘à margem’”. Contudo, assim como reitera Volpe (2005), além da acepção de exílio como afastamento territorial do lugar ao qual se pertence, ao refletir sobre situações de deslocamento geográfico, é importante que se considere suas variantes – o insílio e o desexílio – e sua ênfase na dimensão espacial, “no sentido de estar, atravessar, sair, voltar a lugares, cidades, países, fronteiras, pontes, assim



como também, de forma metafórica, de atitudes, estados de espírito, visões de mundo, ideologias” (VOLPE, 2005, p.81).

Nesse entendimento, além dos deslocamentos geográficos, onde estaria inserido o exílio, ou o desexílio, na concepção de Edward Said (2003), haveria também uma outra manifestação desse deslocamento, de viés subjetivo, nomeado de insílio, que seria uma condição exílica que ocorre, porém, dentro do próprio país do indivíduo, uma espécie de alienação da realidade, no sentido filosófico e humanístico, um exílio interior (VOLPE, 2003).

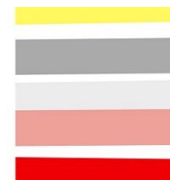
Na esteira das colocações de Nouss (2016), Ana Paula Coutinho (2018), em *“Espaços dos que não têm lugar: uma geografia da Exiliência”*, alerta para o fato de que, embora se tenda a incluir homogeneamente sob o título de “migrantes” todos os tipos de “deslocados”, aquilo que define uns e outros já não é tanto a viagem, voluntária ou forçada, que realizaram, mas o fato de serem ‘exilientes’, de estarem num lugar a que não podem e/ou não querem chamar seu” (COUTINHO, 2018, p. 184-185).

Portanto, é nesse sentido que, a Literatura, como uma área de grande atualidade, seria um documento de investigação de certa realidade, isso considerando que um escritor, ao situar os indivíduos ou uma certa coletividade no meio de uma região, consegue traduzir os seus valores, dando uma visão reveladora da vida do espaço e dos lugares circunscritas à mesma (LIMA, 2000, p.11)

Inocência Mata sustenta que a literatura vai além da sua natureza primária, transcendendo a ficcionalidade, e que não é raro que seja possível, apenas por meio do texto literário, nas diversas perspectivas e propostas textuais, conhecer as “vias do pensamento intelectual nacional” (MATA, 2006, p. 34), que justamente revelam as várias visões sobre o país, o que vai possibilitar a atualização das identidades sociais, no âmbito de sua reconfiguração na contemporaneidade.

4 Figurações exilientes em “As Flores De Novidade”

“As flores de Novidade” é um conto de Mia Couto que trata do impacto da guerra na vida de pequenas comunidades, tanto pelo terror e pelas mortes que acarreta quanto pela imposição de um deslocamento espacial ou subjetivo. No conto, os personagens são



devidamente identificados: “Novidade Castigo era filha de Verónica Manga e do mineiro Jonasse Nhamitando” (COUTO, 1994, p. 9). A narrativa se constrói no espaço familiar e gira em torno desses personagens, apenas no final surgem outros personagens que ajudam a mãe e a filha a saírem dali, sendo esses não nomeados.

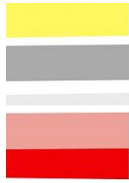
A partir da narração em terceira pessoa de um narrador onisciente, somos apresentados a esta família, em cujo meio nasceu uma menina com olhos azuis. A insolitez desses olhos, em desconexão com a família negra, enseja neles o prenúncio de uma desventura e, tomados por esse interpretado anúncio, dão à filha o nome de Novidade, que posteriormente é apelidada Castigo: “Lhe apelidaram de Castigo pois ela viera ao mundo como uma punição. Se adivinhou logo na nascença pelo azul que a menina trazia nos olhos. Negra, filha de negros: de onde vinha tal azul?” (COUTO, 1994, p. 9).

Na narrativa, o apelido de Castigo é legitimado desde o nascimento da menina. Seu nascimento era assim interpretado como uma espécie de punição. Esse olhar de coloração incomum provocava dúvidas talvez sobre sua própria consanguinidade.

Seguindo nessa compreensão, como forma de confirmar o mau destino, a menina passa a sofrer constantes convulsões, que aparentemente geram nela um retardo mental, como na seguinte passagem: “era vagarosa de mente, o pensamento parecia nela não pernoitar. Ficava-se assim, desacertada, certa uma vez em que, já moça, foi atacada de convulsões [...] no cantinho da casa, a moça se despertou, em espasmos e esticções. Parecia a carne se queria soltar da alma” (COUTO, 1994, p. 9).

Convém lembrar que o azul é comumente associado à transcendência, mas também à ilusão e ao sonho. Uma das acepções descritas no *Dicionário de Símbolos* (2008) traz o azul como uma cor “imaterial em si mesmo”, que “desmaterializa tudo aquilo que dele se impregna. É o caminho do infinito, onde o real se transforma em imaginário”. De acordo com a descrição, o azul “não é desse mundo; sugere uma ideia de eternidade tranquila e altaneira, que é sobre-humana ou inumana” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2018, p. 107).

Por conta de sua condição de saúde, Novidade se restringe a habitar a casa onde reside com os pais. Vive um alheamento para com a realidade, já que tem dificuldades de fala e o único contato que tem com a exterioridade é quando sai pelo entorno para colher flores. Para Said (2003, p. 54), a condição exílica “traz consigo um toque de solidão e espiritualidade”. Essa desconexão com o plano da realidade só não será completa por conta da ligação afetiva que estabelece com o pai:



Jonasse era homem bondoso, não abandonou Verónica. E a filha, naquele pacto com o vazio, dedicava amores e ternuras a seu pai. Não que ela se explicasse em perceptíveis palavras. Mas pelo modo como ela esperava, suspensa, a chegada do mineiro. Enquanto durasse o turno dele, a menina se perplexava, sem comer nem beber. Só depois de o pai retornar a menina voltava a atinar seu rosto e, em sua voz de riachinho, se adivinhavam cantigas que ninguém, senão ela conhecia (COUTO, 1994, p. 10).

Esse aspecto de intimidade familiar permitiu à personagem pressentir o que estava prestes a acontecer com seu pai. No meio da noite, Novidade convulsionou. O mal-estar era como um presságio a respeito da morte de seu pai, que naquele momento trabalhava na mina. Esse fato é decisivo para o rumo que suas vidas tomarão:

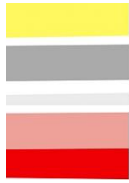
Muitas noites além, a família repadeceu os acontecimentos. Jonasse não se encontrava. O mineiro esburacava a terra, em turno noturno.[...] Enquanto desalvorçava a menina, lábios e sopros, Verónica Manga procurou os fósforos sobre a caixa. Só então foi chamada a um barulho enlameado que chegava de fora, lá da montanha. Era o quê? A mina explodindo? Céus, se arrepiou. E Jonasse, seu marido? (COUTO, 1994, p. 10).

Supondo, até então, ter havido uma explosão na mina, Novidade guiará a mãe até a cidade:

Mas a menina se antecipou à claridade. Em silêncio recolheu seus pequenitos bens em cestinho e saco. Depois, arrumou as pertencas da mãe na velha mala. De sua boca saíram as magras palavras, em suave ordem: — Vamos, mãe! Sem pensar, a mãe abandonou o seu lugar, ali onde ninhara por plenos anos. E se deixou conduzir pela mão da menina, confiante em não se sabe qual sapiência dela (COUTO, 1994, p. 10).

Em *A poética do espaço*, Gaston Bachelard (1996, p. 201) afirma que “a casa, na vida do homem, afasta contingências, multiplica seus conselhos de continuidade. Sem ela, o homem seria um ser disperso”. Contudo, a dispersão e alheamento espacial que para Novidade Castigo é comum e se apresenta de modo subjetivo e psicológico (VOLPE, 2005), para Verónica Manga se dá com a saída repentina da casa. É naquele momento de partida que a condição de exílio para Verónica é instalada. Segundo Tuan, a “experiência é um termo que abrange as diferentes maneiras por intermédio das quais uma pessoa conhece e constrói a realidade” (TUAN, 2013, p.17). É a partir dos sentidos e da experiência no “espaço vivido” que a noção de lugar é construída pelo personagem.

Em consonância com o pensamento de Volpe (2005), que propõe uma outra direção nos estudos sobre exílio, mais subjetiva e psicológica, que se refere ao sentimento de estar deslocado, o estadunidense Paul Ilie (1980), usando como base o período ditatorial de Franco



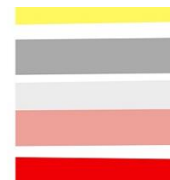
na Espanha, já desenvolvia a ideia de exílio como condição mental. Para este autor, mais do que a separação do seu país de origem e da “falta de contato físico com a terra e as casas”, o exílio significa também uma “reunião de sentimentos e crenças” que provoca isolamento de um grupo ou indivíduo dos demais.

Nesse ínterim, o exílio seria uma condição “mais mental do que material, que desloca pessoas e seu modo de vida, então a natureza dessa separação [...] [é] mais profunda [...]. A questão que estou levantando é se as estruturas internas do exílio não seriam fundamentais, sendo a localização geográfica de importância secundária” (ILIE, 1980, p. 2). Essa condição mental é experienciada pela personagem que figura nomeada no conto.

Apenas durante esse deslocamento será elucidado pelas personagens que as explosões e os incêndios vistos à distância resultam da chegada das milícias de guerra, e não da implosão da mina como inicialmente pensaram: “Não era a mina. Eram explosões militares, a guerra que chegava. E nossos maridos, que lugar é o deles se salvarem?” (COUTO, 1994, p. 11). Seguem mãe e filha, contudo, pouco depois de conseguirem espaço num caminhão “pronto para fuga”, se separam: “No meio de bombas e tiros, o caminhão progrediu até passar defronte da mina onde Jonasse trabalhava. Então, a menina, desafiando o andamento do momento, saltou para o desaconselhável chão” (COUTO, 1994, p.11).

Ao passarem em frente à mina onde o pai trabalhava, Novidade, espontaneamente, salta do caminhão, abandonando Verónica, e segue para a beira da montanha onde será tragada pela terra, seduzida por misteriosas flores azuis; idênticas as que eventualmente trazia para casa, para o seu pai: “Novidadinha retomou o passo, cruzando a estrada em certo e exposto perigo. O caminhão apitava, buzina em fúria. Que ali se demorava apenas a morte. A moça não parecia nem ouvir. Estava na estrada como se ela fosse seu inteiro caminho” (COUTO, 1994, p. 11).

Alegoricamente, as flores permitem o trânsito de Novidade para junto de seu pai, no seu retorno para terra através da morte, acontecimento visto pelos africanos não como algo que inspire medo, ou sob uma conotação negativa, mas como algo satisfatório. A única testemunha era a sua mãe, Verónica, que parte no caminhão rumo a um destino desconhecido, não se sabendo se é findada a sua condição de exiliente: “O que se passou, quem sabe, só ela viu. Lá entre a poeira, o que sucedia eram as flores, aquelas de olhar azul, se encherem de tamanho. E, num somado gesto colherem a menina. Pegaram Novidadinha por suas pétalas e a puxaram terra-abaixo” (COUTO, 1994, p. 11-12).



A flor é símbolo da beleza, das virtudes da alma, da pureza, da perfeição espiritual. Outro matiz da simbologia floral é assim descrito em um conhecido dicionário de símbolos: “a flor é o símbolo do amor e da harmonia que caracterizam a natureza primordial; a flor identifica-se ao simbolismo da infância e, de certo modo, ao do estado edênico” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2018, p. 437).

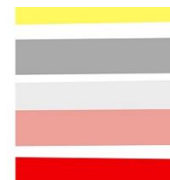
Além da simbologia contida nas flores, há o mistério a respeito de onde a menina as encontra. Ao longo do texto, é descrito que apenas Novidade sabe onde colhê-las. Tratavam-se de “prendas que ela para ele recolhia: bizarras florinhas, da cor de nenhum outro azul que não fosse o encontrável em seus olhos. Ninguém nunca soube onde ela recolhia tais pétalas” (COUTO, 1994, p. 10).

O imaginário que permeia a origem das flores é o mesmo que compreende a cor de seus olhos: apenas ela compreendia. Essa alienação da realidade aponta para a condição insílica da personagem Novidade Castigo. A desconexão, a vida à margem naquele espaço periférico em crise por conta da guerra que se levanta para derrubar a todos e fazê-los partir a incitam a assumir a posição de sujeito exiliente, que “precisa” partir, literalmente, materialmente.

O desfecho do conto é marcado pela forte ideia da frágil existência humana e sua efemeridade, isto posto em contraponto à ideia de eternidade. No conto é descrito que Novidade “parecia esperar esse gesto. Pois ela, sempre sorrindo, se suplantou, afundada no mesmo ventre em que via seu pai se extinguir, para além das vistas, para além do tempo” (COUTO, 1994, p. 12). Embora a cidade estivesse prestes a ser bombardeada, a menina decide não abandoná-la, opta pela morte, que, na cultura moçambicana, é concebida como algo cíclico, em oposição ao entendimento ocidental.

Para Alfredo Bosi, “a morte prematura, repentina – puro não-senso para o pensamento racionalista – é, na perspectiva da devoção popular, um sinal da preferência divina, um aviso da Graça, um selo de eleição” (BOSI, 2003, p. 43-44). Retornando à mãe Terra, a morte da personagem é como uma passagem para a transcendência. Em seu leito final, era como uma flor, uma vez que foi colhida, e agora regressava para sua origem.

5 Considerações Finais



O fenômeno do exílio, no panorama da sociedade pós-moderna, tem figurado como recorrente categoria nas discussões literárias. Esse interesse é devido às configurações e reconfigurações políticas resultantes do processo de descolonização desses países africanos, como é o caso de Moçambique.

Tendo isso em vista, a linguagem literária, dado o seu caráter polissêmico, expressa a realidade humana ao desvelar como o homem se relaciona com o mundo e com os outros, ao mesmo tempo em que revela a condição humana e sua existência por meio de uma linguagem poética, metafórica e simbólica, que “psicografa os anseios e demônios de sua época, dando voz àqueles que se colocam, ou são colocados, à margem da voz oficial: daí poder pensar-se que o indizível de uma época só encontra lugar na literatura” (MATA, 2006, p. 34).

Isso somado à renovação epistemológica da Geografia, de caráter humanista, a sua noção de “lugar” possibilita a compreensão do espaço a partir do texto literário, uma vez que se volta para a experiência intuitiva do mundo representado na obra ficcional.

Em “As flores de Novidade”, a morte do pai, a partida da mãe em decorrência da guerra e a reintegração literal da menina à terra, quase que como a uni-la de igual modo ao pai, morto soterrado, trazem à baila a desintegração da família, considerando que há o abandono daquele microcosmo que antes ensejava sentido à existência daquela família. Isso ampliado pode ser interpretado como a dissolução da sociedade frente à complexidade que o fenômeno exílico empreende no mundo contemporâneo.

36

Referências

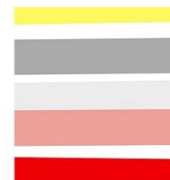
BOSI, A. *Céu, inferno: ensaios de crítica literária e ideológica*. São Paulo: Duas cidades, 2003.

BACHELARD. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes. 1ª. edição, 1996.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. 20. ed. Tradução de Vera da Costa e Silva et al. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

COUTINHO, Ana Paula. *Espaços dos que não têm lugar: uma geografia da Exiliência*. Universidade do Porto. Faculdade de Letras. Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa e Afrontamento, 2018. p. 181-205.

COUTO, M. *Estórias abensonhadas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.



DARDEL, Eric. *O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica*. Tradução de Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.

FONSECA, Maria Nazareth Soares; CURY, Maria Zilda. *Mia Couto: espaços ficcionais*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

ILIE, Paul. *Literature and Inner Exile*. Baltimore, Maryland: Johns Hopkins University Press, 1980.

LIMA, Solange Terezinha de. *Geografia e literatura: alguns pontos sobre a percepção de paisagem*.

MARANDOLA JR., Eduardo; GRATÃO, Lúcia Helena Batista, (org). *Geografia e Literatura: ensaios sobre geofricidade, poética e imaginação*. Londrina: EDUEL, 2010.

MATA, Inocência. *A crítica literária africana e a teoria pós-colonial: um modismo ou uma exigência?*. Juíz de Fora, 2006.

NOUSS NUSELOVICI, Alexis. *Pensar o exílio e a migração hoje*. Tradução de Ana Paula Coutinho Mendes. Porto: Afrontamento, 2016.

SAID, Edward Wadie. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. Tradução de Lívia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2013.

TUAN, Yi-Fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Tradução de Lívia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2012.

VOLPE, Miriam L. *Geografias de exílio*. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2005.

Recebido em: 10 de outubro de 2019.

Aprovado em: 12 de dezembro de 2019.